

Desafios impostos às aulas de educação física na pandemia: caminhos para a ressignificação do trabalho docente

Challenges imposed to the physical education classes in the pandemic: paths to reframe the teacher's work

Evando Carlos Moreira¹, Raquel Stoilov Pereira²

¹ Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Brasil

² Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), Várzea Grande, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 25 maio 2021

Revisado: 17 agosto 2021

Aprovado: 18 agosto 2021

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Física Escolar; Tecnologia; Prática Pedagógica.

KEYWORDS:

School Physical Education; Technology; Pedagogical Practice.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Com o advento da pandemia da Covid-19, muitos desafios surgiram para que as atividades educacionais pudessem ter continuidade sem maiores prejuízos aos(as) alunos(as). No entanto, a falta de domínio das tecnologias educacionais se apresentou como uma barreira, tanto para professores(as) como para alunos(as).

OBJETIVO: Dessa forma, o presente texto tem como objetivo refletir como em tempos de pandemia a Educação Física Escolar se ressignificou, considerando as experiências relatadas por professores(as) de Educação Física da rede pública de ensino.

MÉTODOS: Este estudo, de abordagem qualitativa, caracterizando-se como um estudo multicase, adotou como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada realizada com dois professores e duas professoras que atuam nas redes públicas de ensino, estadual e municipal e, um em cada nível de ensino (educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio).

RESULTADOS: Mesmo com o cenário investigado e suas dificuldades, os(as) professores(as) realizaram seu trabalho da melhor forma possível e, para tanto, identificamos uma espécie de manifestação uníssona dos(as) professores(as), tanto no que se refere às ações positivas como nas dificuldades vividas. Esta manifestação foi organizada em categorias, especificamente seis, a saber: aprendizado e adaptação de conteúdos para as aulas; apoio em bases teórico-metodológicas das redes de ensino; atividades com apoio familiar; apoio institucional; avaliação; o que posso avançar?

CONCLUSÃO: A persistência e resiliência de cada um(uma) permitiu que a Educação Física Escolar se fizesse presente nas atividades escolares diárias dos(as) alunos(as) de todos os níveis de ensino, mesmo que de forma adaptada. Reforçamos a responsabilidade dos(das) pesquisadores(as) das instituições de formação de professores(as) em darem visibilidade aos elementos que contribuem para a manutenção das práticas corporais, das aulas de Educação Física em diferentes contextos, para que estas possam manter-se acessíveis e reverberem com qualidade entre os(as) professores(as) e alunos(as).

ABSTRACT

BACKGROUND: With the advent of the Covid-19 pandemic, many challenges arose so that the educational activities could be continued without many losses to the students. However, the lack of mastery of educational technologies showed itself as a barrier to the teachers as well as to the students.

OBJECTIVE: So, the present text has as aim to reflect how in pandemic times the school Physical Education reframed itself, considering the experiences reported by Physical Education teachers of the public school system.

METHODS: This study, of qualitative approach, is characterized as a multi-case study, adopted as research instrument a semi-structured interview with two male and two female teachers who work in the public education network, state and municipal, and one in each level (early childhood education, early years of elementary school, final years of elementary school and high school).

RESULTS: Even with the investigated scenario and its difficulties, the teachers performed their work in the best possible way and, therefore, we identified a kind of unison manifestation of the teachers, both in what is concerned to the positive actions as to the difficulties experienced. This manifestation was organized in categories, specifically six, namely: learning and adapting the content to the classes; support in theoretical-methodological bases in the educational networks; activities with family support; institutional support; what can I move forward?

CONCLUSION: The persistence and resilience of each one allowed the school Physical Education to be present in the daily school activities of all levels of education, even in an adapted way. We reinforce the responsibility of the researchers of teacher formation institutions to give visibility to the elements that contribute to the maintenance of body practice, of the Physical Education classes in different contexts so these can be accessible and reverberate with quality between teachers and students.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge a partir de reflexões sobre as possibilidades para realização do movimento humano intencional num tempo em que o isolamento social, as aulas remotas e a falta de acesso às tecnologias dificultam e desafiam o(a) docente em contribuir na manutenção de um estilo de vida ativo dos(as) seus(suas) alunos(as) nas aulas de educação física.

A Educação Física se fez a partir do movimento humano, por mais que este, muitas vezes, não seja sua finalidade principal, como a história da área registra. No entanto, o cenário inusitado que temos vivido tem conduzido professores(as) a pensarem em possibilidades diversas, mesmo com tantas restrições. Mais do que nunca, temos vivido e oferecido aos(as) alunos(as) “experiências possíveis”, apesar das restrições e limitações, num exercício de criatividade e busca por soluções às necessidades impostas.

Reconhecemos a existência de outros estudos sobre a Educação Física em tempos de pandemia e que, de certa maneira, constituem-se em referências importantes para pensar o ensino deste componente curricular. A exemplo disso, citamos o estudo de Silva et al. (2020, p. 57), que objetivou “analisar a adesão de alunos (as) às atividades remotas no período de pandemia em três escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte”, tendo como referência o ensino da Educação Física.

Os autores indicam que a baixa quantidade de respostas obtidas junto aos(as) alunos(as) pode confirmar, dentre outros aspectos, a limitação do acesso à internet, indicando uma forma de exclusão social daqueles que não dispõem de recursos financeiros para realizar as atividades encaminhadas pelos(as) professores(as).

Por sua vez, o estudo realizado por Godoi et al. (2021, p. 5), a partir de um questionário respondido na plataforma *Google Forms*, objetivou “identificar as práticas do ensino remoto emergencial (ERE) na educação física durante o isolamento social devido à COVID-19”. Assim, diferente de Silva et al. (2020), lançaram luz às práticas docentes em tempos de pandemia e constataram que boa parte dos(as) professores(as) utilizam dos dispositivos e aplicativos particulares para prepararem e enviarem as atividades propostas aos(as) alunos(as). Afirmam ainda que muitas foram as dificuldades impostas, tais como as dificuldades de acesso às tecnologias que permitissem aos(as) alunos(as) acompanharem as atividades, pouca colaboração das famílias na condução e realização de atividades, bem como às inúmeras burocracias oriundas dos sistemas de ensino. Contudo, mesmo em meio a tantas dificuldades, os(as) professores(as) afirmam que tais condições foram fundamentais para que se apropriassem dos conhecimentos até então distantes de seu cotidiano.

O estudo de Vieira et al. (2021, p. 47) objetivou “analisar a perspectiva do professor de Educação Física escolar para as aulas durante e após a pandemia da COVID-19” e, de forma específica “investigar a visão dos professores sobre a mudança das didáticas das aulas pós-pandemia; e discutir as possibilidades acerca das aulas remotas da Educação Física na Educação Básica”.

Para tanto, os autores utilizaram-se de um questionário virtual que reuniu respostas de 131 professores(as) de Educação

Física das cinco regiões brasileiras e, assim como nos estudos de Silva et al. (2020), a plataforma utilizada foi o *Google Forms* e concluíram que os debates acerca da utilização das tecnologias digitais precisam ser aprofundados e devem considerar as condições econômicas e sociais dos(as) alunos(as), bem como as dificuldades e a falta de preparo dos(as) professores(as) em atuarem num sistema de ensino remoto.

Por fim, destacamos o estudo de Silva et al. (2021, p. 5), que ao objetivar “analisar as experiências pedagógicas de professores(as) das redes de ensino do Rio Grande do Norte e do Ceará com fins de problematizar as implicações para a educação física escolar frente ao combate da pandemia via isolamento social”, concluem que as narrativas dos professores(as) indicam que a principal implicação pedagógica para a Educação Física é a utilização acrítica das tecnologias digitais, isto é, as mesmas são adotadas apenas como estratégia de compartilhamento de conteúdos, sem que haja uma reflexão e debate sobre o momento pelo qual a sociedade brasileira e mundial têm passado. No entanto, identificaram a existência, mesmo que de forma não intencional, de uma rede de colaboração entre os(as) professores(as).

Frente ao exposto e, considerando a necessidade de ampliação dos estudos e pesquisas que se refiram à prática pedagógica dos(as) professores(as) de Educação Física que atuam no formato de ensino remoto, o objetivo do presente texto é refletir como em tempos de pandemia a Educação Física Escolar se ressignificou, considerando as experiências relatadas por professores(as) de Educação Física da rede pública de ensino.

Para tanto, apresentaremos relatos sobre a organização do ensino da Educação Física na escola, que de certa maneira permitiram manter crianças e jovens em atividades, mesmo quando a inatividade física se apresenta com mais evidência, bem como debater sobre a real contribuição de tais práticas em situação de isolamento social e aulas remotas.

MÉTODOS

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizando-se como um estudo multicase, que para Triviños (1987), não tem a intenção em comparar dois ou mais sujeitos, o que entendemos, possibilita relacionar aspectos encontrados nas manifestações dos sujeitos e interpretá-las à luz dos pressupostos teóricos que sustentam uma pesquisa. Dessa forma, os sujeitos do presente estudo foram dois professores (um da rede municipal de ensino de Cuiabá, MT e outro da rede estadual de Mato Grosso) e duas professoras (uma da rede municipal de ensino de Cuiabá, MT e outra da rede estadual de Mato Grosso) de Educação Física, cada um deles atuando num segmento do ensino, a saber: Educação Infantil; anos iniciais do Ensino Fundamental; anos finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio.

A opção pelos sujeitos atuantes na rede pública de ensino se deu pela necessidade em conferir uma condição mais próxima em termos de potencialidades e dificuldades entre os(as) docentes, ou seja, aulas de educação física em escolas públicas.

Para apreender dos sujeitos os elementos necessários para este estudo, realizamos entrevistas semiestruturadas, compostas por sete perguntas que versaram sobre o planejamento e a organização das aulas de Educação Física no formato de ensino remoto.

Selecionamos e contatamos os participantes por meio telefônico e as entrevistas foram realizadas por aplicativo de mensagens. Aos(as) docentes foram esclarecidos os procedimentos éticos da pesquisa, a manutenção de sigilo de suas identidades, bem como sobre a possibilidade de declinarem do convite para participar a qualquer tempo. Vale ressaltar que identificamos os participantes a partir de siglas e, respectivo tempo de docência e formação complementar: PEI – Professor(a) Educação Infantil, um ano e meio de docência e com especialização em Musculação e Treinamento Funcional para Grupos Especiais e Treinamento de Força; PEFI – Professor(a) Ensino Fundamental – anos iniciais, um ano e meio de docência e cursando especialização em Iniciação Esportiva e Educação Física Escolar; PEFF – Professor(a) Ensino Fundamental – anos finais, seis anos de docência e com especialização em Pedagogia do Esporte Escolar; PEM – Professor(a) Ensino Médio, quinze anos de docência e especialização em Coordenação Pedagógica.

As entrevistas foram transcritas e enviadas para os participantes, buscando a validação das respostas, havendo, inclusive, a possibilidade de alteração caso julgassem necessário. Posteriormente a aprovação dos entrevistados, analisamos os dados. A técnica adotada para análise dos dados produzidos foi a categoria de codificação, que segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 221):

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frase, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu (os símbolos segundo os quais organizaria os brinquedos), da forma a que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados. Algumas das categorias de codificação surgiram-lhe à medida que for recolhendo os dados.

Após a leitura exaustiva das respostas e suas respectivas regularidades, constituímos categorias de codificação, seguida da análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionado anteriormente, entrevistamos quatro sujeitos, sendo dois professores (um da rede municipal e outro da rede estadual) e duas professoras (uma da rede municipal e outra da rede estadual) de Educação Física, cada um deles atuando num segmento da educação básica.

Mesmo separando os(as) professores(as) por níveis de ensino, pressupondo a existência de aspectos distintos no que se refere a oferta do ensino da Educação Física em formato remoto, tal diferenciação não se apresentou nas respostas dos entrevistados. Houve uma espécie de manifestação uníssona dos(as) professores(as), tanto no que se refere às ações positivas como nas dificuldades vividas.

Aprendizado e adaptação de conteúdos para as aulas

Inicialmente chamamos atenção para a produção de material (impresso ou digital), por parte dos(as) professores(as). Historicamente, a Educação Física tencionou, positiva ou negativamente, à produção e utilização de materiais para as aulas. Es-

pecificamente, nos referimos aqui aos livros e outros materiais didáticos, que geraram controvérsias na comunidade acadêmica: para alguns retiram a autonomia dos(as) professores(as), levando-os à reprodução de práticas descontextualizadas em relação ao cenário no Brasil e, para outros, os materiais didáticos auxiliam os(as) professores(as) com dificuldade em projetar sua prática docente de maneira livre e espontânea.

[...] da minha parte eu acho que foi utilizar muito vídeo já disponível no YouTube. Com o passar do tempo, percebemos que era importante e necessário fazer maior quantidade de gravações nossas. Fizemos isso desde o início, mas a gente percebe que a familiaridade e a aproximação das turmas acontecem mais quando a gente mesmo apresenta as atividades, não basta apenas mandar áudio, enviar um roteiro, se colocar à disposição e compartilhar vídeos de outros colegas, a gente as vezes tem que estar ali também, as vezes sempre que possível colocando (PEI).

Então eu elaborei as atividades, eu gravo vídeos executando essas atividades sempre deixando bem claro para o aluno fazer dentro do que é possível para ele, não só nas questões de habilidades, mas também nas questões de materiais (PEFI).

[...] quando eu decidi fazer, comecei a trabalhar com a gravação de aulas, eu não tive muitas dificuldades com relação a isso, eu me adaptei rápido, penso que eu me saí bem nos vídeos, nas montagens desses vídeos. Então penso isso como uma facilidade e, também, a escolha dos conteúdos e temas para as aulas, que necessitavam (PEFF).

[...] busquei trabalhar os conceitos teóricos da forma irreverente. Fiz relações com alguns vídeos de TikTok, desafiei a remixarem vídeos com os meus, propus desafios e gravações conjuntas [...] (PEM).

Independente do estado complexo para o desenvolvimento das atividades de ensino da Educação Física no sistema remoto, inferimos, a partir da manifestação dos(as) professores(as), que estes se mantiveram motivados para o cumprimento do seu papel social, demonstrando a busca por alternativas capazes de manter os(as) alunos(as) dispostos(as) para a realização das práticas corporais, bem como se lançando ao desafio de produzirem suas experiências didático-pedagógicas. Ou mesmo, como destacaram Silva et al. (2021), ainda que tenham utilizado de forma acrítica as tecnologias digitais (o que não estamos afirmando, apenas apresentando constatações do estudo nominado), socializaram estratégias de compartilhamento e identificaram a existência de redes colaborativas para o exercício docente.

Apoio em bases teórico-metodológicas das redes de ensino

Os(as) participantes da pesquisa ressaltaram que receberam e/ou utilizaram conteúdos da área, tomando como referência documentos das redes de ensino, por vezes, recebendo formação para tanto. Tal condição demonstrou preocupação em atender aos pressupostos estabelecidos nos documentos oficiais, mesmo que isso tenha ocorrido por analogia, como é o caso do(a) professor(a) que atua no Ensino Médio:

O planejamento dos conteúdos está relacionado com as habilidades da BNCC, para o ensino médio. Trabalhei com algumas das habilidades da linguagem, já que a educação física não tem nada específico dentro da BNCC para o Ensino Médio. Organizei os planejamentos analisando os objetos de conhecimento que mais se aproximavam dos conteúdos da Educação Física. Depois disso, selecionei os principais e dividi eles em conteúdos, que foram distribuídos ao longo dos bimestres. Procurei inserir em cada aula, um ou mais objetos de conhecimentos, buscando abordar de forma simples e sintetizada os assuntos, no intuito de que eles estejam acessíveis aos estudantes (PEM).

Outros sujeitos indicaram a importância dos documentos das redes de ensino no processo de organização das suas aulas.

[...] com base no documento de referência do ensino infantil de Cuiabá (PEI).

[...] a secretaria municipal de educação enviou para a escola uma matriz de habilidades para o ensino remoto. Nessa matriz possui as habilidades e as competências que nós deveríamos trabalhar com os alunos em cada turma, inclusive essas habilidades eram datadas, por exemplo do dia 15 de abril ao dia 30 de abril deveríamos trabalhar com jogos da cultura cuiabana e aí do dia 1º de maio ao dia 15 de maio trabalhar com danças no contexto regional [...] (PEFI).

Um dos(as) professores(as) não mencionou ou mesmo fez qualquer referência aos documentos oficiais utilizados pela rede de ensino. Obviamente que, como mencionado anteriormente, reconhecemos a capacidade do(a) docente em produzir seus próprios recursos para as aulas, mas contar com o apoio teórico-metodológico favorece a realização e ampliação de possibilidades das práticas docentes, principalmente se considerarmos a necessidade urgente de adaptação em decorrência do ensino remoto, no caso específico deste texto, aos(as) professores(as), que transformaram sobremaneira o seu fazer pedagógico.

Moreira et al. (2014) destacam a importância das redes de ensino no processo de formação continuada, principalmente quando estas contam com as contribuições das universidades no processo formativo, diminuindo a distância entre o conhecimento produzido no âmbito universitário e a prática pedagógica dos docentes que estão nas escolas.

Atividades com apoio familiar

Uma estratégia utilizada pelos(as) professores(as) foi sugerir/solicitar o envolvimento das famílias na realização das atividades. Embora essa opção tenha sido mencionada por dois (duas) professores(as), a avaliamos como ousada, considerando que os(as) alunos(as), em parte, são crianças pequenas, sem acesso a algumas tecnologias ou mesmo que as famílias passam parte do seu dia utilizando os equipamentos eletrônicos, tendo em vista o trabalho remoto que se instaurou para muitos.

Dessa forma, pressupomos que parte do período do dia dedicado às outras atividades que não as laborais foram tomadas pelos momentos de atenção para com as atividades escolares das crianças. Contudo, mesmo com a dificuldade em administrar o tempo na rotina familiar, os(as) professores(as) destacaram a importância da realização de atividades nessa perspectiva.

Então não eram atividades que eles tinham que executar sozinhos e eu via um pouco dessa interação com o pai, com a mãe, com a vó, com os irmãos, primos, enfim (PEFI).

[...] uma das estratégias foi pensar inicialmente em atividades que a família pudesse desenvolver junto, então eu tentei incentivar os pais, os responsáveis das crianças a participarem das atividades propostas de educação física junto com seus filhos. Então a ideia era estimular a família a se reunir, a brincar, a jogar junto, a se divertir juntos, então uma das estratégias foi essa, tentar aproximar as famílias dos seus filhos, a voltarem a brincar, não ficar só em frente de TV, cada um no seu celular e daí em diante, tirar um pouco eles do meio da tecnologia e estimular o convívio mais entre a família (PEFF).

O aspecto positivo a ressaltar nessas manifestações é a preocupação dos(as) professores(as) em integrar a família às atividades escolares, o que permite a visualização e, de certa forma,

que se conheça e reconheça o trabalho dos(as) professores(as) e os conhecimentos acessados pelos(as) alunos(as) na escola.

Tal ação/atitude positiva dos(as) professores(as) é corroborado por Bartholo (2001), quando esta afirma que a relação de parceria entre família e escola é de suma importância para que o trabalho docente e a aprendizagem do aluno se concretizem para além dos conteúdos escolares.

Apoio institucional

Para três professores(as) o apoio institucional, gestão escolar e secretarias de educação, ocorreu em maior ou em menor medida, o que permitiu que as aulas de Educação Física pudessem se manter em tempos de pandemia.

[...] se eu precisasse de algum material da escola, algum material de educação física da escola, materiais pedagógicos, nosso de educação física, eu poderia pegar sim, peguei alguns colchonetes inicialmente, peguei algumas bolas, algumas coisas que eu utilizei para algumas aulas, mas no que diz respeito a materiais tecnológicos, nós não tivemos apoio nesse sentido não, de materiais tecnológicos. [...] a questão de acesso à internet, a não ser que eu não tivesse acesso à internet, eu poderia ir para a escola para poder encaminhar as atividades para os alunos, mas tive que utilizar meu celular, meu próprio computador, meu celular e se precisasse alguma coisa impresso, aí assim eu poderia encaminhar para a escola e a escola imprimir, ou eu mesmo poderia ir à escola para imprimir, mas de recursos tecnológicos praticamente eu estraguei meu celular, tive que comprar outro celular recentemente porque meu celular já estava bem gasto por todo esse material que a gente recebe e ainda mais pela forma que eu optei por trabalhar através de vídeo (PEFF).

[...] não nos foi fornecido nenhum material tecnológico nesse momento de ensino remoto. Nós tivemos que trabalhar com o que temos. E para quem não tem, no caso, no domicílio pelo menos o celular ou um notebook a escola normalmente disponibiliza uns poucos computadores que, até então, parece socorrer o pessoal que não tem essa estrutura em casa. A gente tendo o nosso acesso à internet e aos materiais que são fornecidos, se desenvolve o trabalho, mas são orientações. Também contamos com formações continuadas, tanto no aspecto pedagógico geral, quanto em algumas situações específicas da nossa área (PEI).

[...] o apoio que eu tive foi quanto a elaboração dos planejamentos e mais nessas partes burocráticas mesmo de plano de aula, mas não foi o suficiente para mim, porque sempre que eu questionava a coordenadora sobre o que fazer nas aulas ela falava “faz gincanas com os alunos, faz brincadeiras populares, corrida de saco, amarelinha, pula corda e isso não está de acordo com o que é planejado na matriz e no plano de aula e também não é suficiente [...]”. Quanto aos materiais eu também não tive auxílio nenhum, todos os materiais que eu utilizei em aulas eu adaptei com o que eu tinha em casa e isso foi bom, positivo de certa forma, não sei se essa é a palavra certa, porque se iguala a realidade do aluno, porque nem todos tem arco, tem bola, tem cone, corda dentro de casa então eu acabei fazendo com o que eu tinha, usava bolinha de papel, balde, cabo de vassoura, copo lápis garrafas, régua, enfim, aquilo que seria acessível para todos (PEFI).

Honestamente não. Pelo menos no meu planejamento eu nunca tive. Tenho apoio no sentido da autonomia do trabalho, estando livre para planejar e elencar os assuntos conforme eu julgar importante, mas até então, apoio tecnológico nenhum. Até o momento não havia nenhum incentivo, a não ser o projeto que o governo do estado aprovou há pouco mais de um mês, oferecendo um recurso para aquisição de computadores (PEM).

Dois aspectos chamam a atenção nas manifestações dos(as) professores(as): o respaldo, mesmo que pequeno, para o desenvolvimento das aulas, por parte dos gestores escolares, seja a partir da oferta de material e espaço e, no outro extremo, certa ausência do Estado no atendimento às demandas mais urgentes dos(as) professores(as), como apoio para acesso às tecnologias educacionais e equipamentos, muito embora, conforme relato

do(a) professor(a) de Educação Física do Ensino Médio, o Estado tenha disponibilizado, ainda que após um ano do início da pandemia, recursos financeiros para aquisição de computadores.

Ainda que os(as) professores(as) recebam tais recursos, foi possível observar neste estudo e em outros citados (SILVA et al., 2020; VIEIRA et al., 2021), é que aos(às) alunos(as) não acessam as aulas no sistema remoto de forma satisfatória, ou ainda, os debates sobre tecnologias digitais precisam ser ampliados, tendo em vista a falta de preparo dos(as) professores(as) para lidar com o ensino remoto e das dificuldades dos(as) alunos(as) em acessar as aulas por falta de recursos financeiros, o que implicaria na proposição de políticas públicas que garantam o acesso às tecnologias como um direito básico do cidadão em tempos de pandemia.

Avaliação

Os(as) professores(as) relataram dificuldades em avaliar. Essa ponderação não nos surpreendeu, considerando que em tempos antes tidos como “normais”, a avaliação já se apresentava como um desafio no contexto escolar, apesar de ser um elemento presente no campo educacional ou mesmo nas ações humanas (já que constantemente precisamos decidir) (SACRISTÁN, 2000; VIANNA, 2000; DIAS SOBRINHO, 2008; LUCKESI, 2018).

Mesmo com os percalços e a necessidade de adaptações impostas pelo sistema de ensino remoto, os(as) professores(as) de Educação Física não deixaram de avaliar o conhecimento produzido pelos(as) alunos(as) e, indicaram as ações realizadas para avaliá-los, demonstrando cuidado com os processos de ensino e aprendizagem

Não está em debate identificar o modelo de avaliação “mais eficaz”, mas, efetivamente, apresentar as estratégias adotadas no acompanhamento dos(as) alunos(as) durante as práticas corporais realizadas a partir das aulas de Educação Física.

Destacamos, assim, que as principais dificuldades se apresentam no Ensino Médio, conforme destaque a seguir:

Durante todo o período de 2020 em que trabalhamos remotamente, acredito não ter recebido mais do que 10 atividades, somando as teóricas e práticas. Nesse ano tenho 10 turmas de Ensino Médio, todas no noturno e a realidade continua a mesma. Nesse sentido, a avaliação fica muito difícil de ser realizada, porque a ideia de avaliá-los ao longo do processo das atividades não é possível, já que eles não participam das aulas. Esse ano tenho tentado fundamentar minha avaliação em conversas pelo WhatsApp. Quando trato um assunto, como a Ginástica Laboral por exemplo, vou instigando-os em aplicar as atividades em seus locais de trabalho e depois me contarem como foi, por exemplo. Tenho buscado a avaliação a partir desse feedback dos alunos, deixando bem claro que são poucos os que enviam (PEM).

Nos demais níveis de ensino a avaliação também se apresenta como um elemento complexo do processo de ensinar e aprender, mas os(as) professores(as) têm se esforçado para realizá-la.

[...] uma das principais formas de avaliação foi a participação, quando não é online é por via material impresso, para quem procura a coordenação e a tendência é receber um material, também para esse pessoal que tem dificuldade e através de análises de devolutivas, vamos tentando identificar o que é de interesse da parte de educação física. [...] Eu por exemplo da educação física utilizo parâmetros pré-estabelecidos e vou tentando medir isso por gráficos, por exemplo (PEI).

A avaliação foi feita com base nos vídeos que os alunos enviavam, verificava se eles executavam aquilo que estava sendo proposto, verificada as habilidades motoras dos alunos, também a forma como os alunos interagiam com a família, com os responsáveis, porque em algumas atividades necessitava da participação de outra pessoa (PEFI).

A cada vez que os alunos encaminhavam um vídeo, eu dava um retorno para eles, fazia um feedback, falando como se tinha sido realizado corretamente, se tinha apresentado alguma dificuldade e, dependendo de como esse retorno chegava até mim, eu orientava para que o aluno realizasse novamente a atividade, porque talvez ele não tivesse compreendido corretamente o que era para ser feito, ou às vezes eu pedia, por exemplo, para fazer três vezes uma determinada atividade, teria que fazer três vezes e ele fazia apenas uma vez. Então a gente fazia esse feedback, cada vez que o aluno dava o retorno de alguma atividade eu dava o feedback dessa atividade e dizia se estava corretamente ou não, mas de maneira geral, em avaliação bimestral de acordo com a quantidade de atividades desenvolvidas pelos alunos. Então era somativo e aí conforme a porcentagem dessa devolução a gente fazia o relatório final e encaminhava para a coordenação e também dava o retorno para as famílias sobre o desempenho durante o bimestre (PEFF).

De maneira geral, observamos esforço por parte dos(as) docentes em permitir aos(às) alunos(as) receberem feedbacks sobre as tarefas realizadas, mesmo considerando que os níveis de participação nas aulas não fossem elevados.

Considerando que a avaliação não finda com a atribuição de notas ou conceitos, é fundamental que o(a) aluno(a), bem como seus pais, mães e/ou responsáveis sejam informados sobre os erros e acertos, para que possam compreender os caminhos percorridos adiante, rumo a retomada do que não foi aprendido. (ARREDONDO; DIAGO, 2009; FERNANDES, 2009a; LUCKESI, 2014). Para tanto, o diálogo deve estar presente antes, durante e após a aplicação dos instrumentos de avaliação para que o(a) aluno(a) tenha clareza do como e por que será avaliado, mas também sobre o que errou, o que não aprendeu e onde deve melhorar. Portanto, o feedback se mostra como um importante elemento no processo avaliativo, mas, fundamentalmente, na qualidade de todo o processo de ensino aprendizagem.

Zelando pela aprendizagem dos(as) alunos, os(as) professores(as) se colocaram à disposição para avaliar os(as) alunos(as), cada um ao seu modo, ao seu tempo, cumprindo com essa tarefa tão importante no processo de formação dos estudantes.

O que posso avançar?

A última categoria apresenta uma espécie de autoavaliação docente, ou seja, o que posso fazer para melhorar minha prática, oferecendo outras perspectivas para o ensino da Educação Física que ainda não tenham sido contempladas até então?

Longe de ser um exercício de futurologia, lança-se um olhar sobre as ações realizadas até o presente momento, identificando o que poder ser melhorado e o que ainda não foi realizado, levando a cabo mudanças que permitam aos(às) alunos(as) a apropriação dos conteúdos da cultura corporal de movimento que fazem parte da Educação Física.

Com o passar do tempo, percebemos que era importante e necessário fazer maior quantidade de gravações nossas. Fizemos isso desde o início, mas a gente percebe que a familiaridade e a aproximação das turmas acontecem mais quando a gente mesmo apresenta as atividades, não basta apenas mandar áudio, enviar um roteiro, se colocar à disposição e compartilhar vídeos de outros colegas, a gente as vezes tem que estar ali também, as vezes sempre que possível colocando (PEI).

Acho que buscar novas metodologias, novas abordagens, continuar nesse processo de formação que vai além da prática em si sabe? Dialogar com outros professores, isso foi muito importante para mim, me ajudou muito, principalmente no início. Analisar o que o outro professor, o que as outras pessoas estão fazendo, não só aqui na região do Mato Grosso, na rede municipal, mas no país a fora. E buscar novas ferramentas para elaborar as aulas (PEFI).

[...] eu penso que eu poderia avançar no sentido de utilizar outros meios tecnológicos para trabalhar as atividades com os meus alunos e as minhas aulas, por exemplo eu utilizo só o WhatsApp mesmo e eu penso que talvez eu poderia tentar um pouco mais nessa ação de utilizar mais aplicativos de interação ao vivo com os alunos, como o Meet, como o Zoom (PEFF).

É claro que a posso oferecer mais, até porque eu não avalio que o meu trabalho foi eficiente, apesar das estratégias que eu criei. Então sim, eu pretendo oferecer mais. Só que para que isso possa acontecer eu preciso da participação dos alunos. E infelizmente essa participação dos alunos eu realmente não sei como fazer. Tenho certeza que as aulas poderiam ser bem melhores, eu poderia inclusive ter noção do que de fato eu preciso melhorar, mas para isso eu precisaria do feedback de um maior número de alunos e eu não tenho (PEM).

Segundo os(as) docentes vários são os caminhos possíveis e, cada um, ao seu modo, projeta mudanças, que passam pela melhoria das atividades elaboradas, da troca de experiências com outros(as) docentes, permitindo identificar similaridades e dissonâncias que permitam modificar suas práticas, busca de novas ferramentas tecnológicas e, obviamente, acessar mais os(as) alunos(as).

Isso posto, e dada a complexidade de ensinar algo de uma forma que nunca ensinamos antes, a autocrítica dos(as) professores(as) apresenta-se como uma condição sine qua non para continuidade do ensinar e aprender em aulas de Educação Física, de maneira a manter “alunos(as) em movimento” ou mesmo na busca de elementos que permitam superar as dificuldades que o isolamento social e as aulas remotas têm enfrentado.

CONCLUSÃO

Refletir como em tempos de pandemia a Educação Física Escolar se ressignificou, considerando as experiências relatadas por professores(as) de Educação Física da rede pública de ensino foi objetivo apresentado e se mostrou intenso e desafiador, pois relembrar a dinâmica instalada e vivida pelos(as) professores(as) durante a pandemia poderia trazer à tona, lembranças nem sempre agradáveis, sobretudo quando não se tem o apoio ou o retorno das demandas apresentadas aos(as) alunos(as).

No entanto, entendemos que as categorias que emergiram da categorização indicam que a persistência e a resiliência dos(as) professores(as) permitiram que mantivessem viva a chama da Educação Física Escolar; que o movimento, elemento fundante deste componente curricular, fizesse parte das atividades diárias dos(as) alunos(as) de todos os níveis de ensino, mesmo que de forma diferente, se comparada à sistematização que as mesmas tinham dentro dos muros das escolas.

Por mais que as dificuldades rondem os(as) professores(as), entendemos que os sujeitos deste estudo, buscaram suprir as lacunas deixadas pelos sistemas de ensino, pelas ausências sentidas de muitos(as) alunos(as) e, mesmo com tudo isso, realizaram seu trabalho da melhor forma possível. Identificamos intencionalidade nas falas dos participantes quando verbalizaram a perspectiva que os mesmos têm sobre o próprio fazer pedagógico.

Pressupomos que ao acompanhar as aulas referendadas pelos(as) professores(as), como pesquisadores poderíamos ter outros olhares. Mas, em meio a tantas dúvidas e questionamentos, precisamos valorizar essas “intenções”, principalmente por estarem presentes na prática (fala) de professores(as) que atuam em diferentes escolas e níveis de ensino.

Entendemos que muitas outras experiências foram realizadas, ainda o são e serão. Assim, reforçamos a importância de os(as) docentes estarem atentos a diferentes experiências, compartilhem pontos de vista e se debruçarem sobre práticas exitosas, considerando que os desafios impostos não foram problematizados durante a formação inicial, dificultando a implantação de novas perspectivas. Caso se sintam “presos” e impossibilitados por não conseguirem se desprender do contexto de uma aula presencial na escola, para então aulas remotas, síncronas ou assíncronas, os prejuízos à Educação Física Escolar e, principalmente aos(as) alunos(as) será devastador.

Nesse sentido, reforçamos a responsabilidade dos pesquisadores, das instituições de formação de professores(as), em darem visibilidade aos elementos que contribuem para a manutenção das práticas corporais, das aulas de Educação Física em diferentes contextos, para que estas possam manter-se acessíveis e reverberem com qualidade entre os(as) professores(as) e alunos(as).

REFERÊNCIAS

- ARREDONDO, S. C.; DIAGO, J. C. **Avaliação educacional e promoção escolar**. São Paulo: Unesp, 2009.
- BARTHOLHO, M. H. C. L. **Relatos do fazer pedagógico**. Rio de Janeiro: NOOS, 2001.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto, 1994.
- DIAS SOBRINHO, J. Avaliação educativa: produção de sentidos com valor de formação. **Revista Avaliação**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 193-207, 2008.
- FERNANDES, D. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: Unesp, 2009.
- GODOI, M.; KAWASHIMA, L. B.; GOMES, L. de A.; CANEVA, C. As práticas do ensino remoto emergencial de educação física em escolas públicas durante a pandemia de Covid-19: reinvenção e desigualdade. **Prática Docente**, Confresa, v. 6, n. 1, e012, 2021.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2018.
- LUCKESI, C. C. **Sobre notas escolares: distorções e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2014.
- MOREIRA, E. C.; PEREIRA, R. S.; LOPES, T. C.; SANTOS, E. S. O. dos; SCHÜLLER, J. A. de P.; GOMES, C. F. Proposta pedagógica para o ensino da educação física em Cuiabá: relatos de uma formação continuada. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 8, n. 3, p. 278-90, 2014.
- SACRISTÁN, J. G. O currículo avaliado. In: SACRISTÁN, J. G. **O currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, A. J. F. da; PEREIRA, B. K. M.; OLIVEIRA, J. A. M. de; SURDI, A. C.; ARAÚJO, A. C. de. A adesão dos alunos às atividades remotas durante a pandemia: realidades da educação física escolar. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 2, p. 57-70, 2020.
- SILVA, A. J. F. da; SILVA, C. C. da; TINÔCO, R. de G.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L.; ARAÚJO, A. C. de. Desafios da educação física escolar em tempos de pandemia: notas sobre estratégias e dilemas de professores(as) no combate à Covid-19 (Sars-Cov-2). **Cenários Educacionais**, Caetité, v. 4, n. 10618, p. 1-27, 2021.

TRIVINÓS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, H. M. **Avaliação educacional**. São Paulo: Ibrasa, 2000.

VIEIRA, D. A.; COSTA, L. S. da; NEGRÃO, A.; MONTEIRO-SANTOS, R. A perspectiva do professor de educação física para as aulas no contexto da pandemia de Covid-19. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, Montes Claros, v. 11, n. 16, p. 45-66, 2021.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos professores e professoras que participaram do estudo.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento para realização do presente estudo.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

[Evando Carlos Moreira \(Autor Correspondente\)](#)

ORCID: 0000-0002-5407-7930.

E-mail: ecmoreira@uol.com.br

[Raquel Stoilov Pereira](#)

ORCID: 0000-0002-8650-5389.

E-mail: raquelspmoreira@usp.br